

RUBEM BRAGA

## BELO HORIZONTE

19/3/57

**B**ELO HORIZONTE depois de três ou quatro anos me espanta: cresceu, surgiram novos arranha-céus no centro, e o casario das vilas se espraiou pelos morros em todas as direções; há bugtes e bares novos, há umas alemãs compridas da Mannesmann, homens de negócios de várias partes do mundo, a cidade toma um ar de cidade grande, já se fala, talvez com exagero, em meio milhão de habitantes.

Nos bairros novos da classe média todas as casas são de arquitetura moderna ou pretensamente moderna; muitas são grandes, custaram milhões de cruzeiros; sente-se que há um maior número de pessoas mais ricas. Não é difícil concluir também que os pobres estão com a vida mais difícil, chutados pela especulação imobiliária para os morros mais distantes, longe da condução, da higiene, da cidade.

Muitos desses arranha-céus novos são de bancos, esses grandes bancos mineiros que sugaram o dinheirinho miúdo da gente do interior, e o aplicam aqui. O conjunto Kubitschek, imenso, saído da prancheta de Oscar Niemeyer para os negócios de Joaquim Rolla, espanta os condôminos assustados com o reajustamento dos preços e acende a cobiça dos candidatos a condôminos que querem especular com a fraqueza financeira dos primeiros. Termina a construção do Colégio Mineiro, também de Niemeyer; aqui mais do que nunca ele brincou feliz com seu lápis, fez um brinquedo concretista de formas leves e cores leves; o Colégio parece flutuar na tarde dourada com seu auditório em forma de bêrço de mataborrão.

Visito a Igreja da Pampulha; cuida-se, afinal, de consertar o que estava se estragando, e se colocaram os azulejos internos de Portinari, que parecem tornar mais fresco o interior da Igreja; as mangueiras ao lado cresceram e engordaram de folhas e sombras, e o jardim brilha de flores. Depois que a represa se esvaziou tudo ficou feio, com o imenso buraco de lama; mas enquanto se refaz a barragem, o que deve durar ainda um ano, uma vegetação cresceu dentro da Pampulha e compôs uma paisagem diferente de verde pintalgado de flores silvestres.

O aeroporto novo também é novidade para mim, com a pracinha ajardinada diante dele; do outro lado da Igreja de São José, em frente ao Hotel Normandy, talvez na rua Espírito Santo, há um edifício moderno e harmonioso, que não sei de quem é, e impressiona pelo bom gosto.

Muita novidade. Menos certas lembranças; muitas daqui, dos meus 18 anos, dos meus 24 anos, tão antigas. Uma que dói; que me machuca devagar quando na tarde estou olhando no horizonte a Serra do Curral, tão azul, tão alta, tão árida — imensa onda de pedra erguida, parada no ar — é no mar que penso, em alguém que ficou junto ao mar. Adeus, Minas, eu sou um homem da beira do mar, eu sou um homem (perdidamente) ao mar.

207